Ano IV — Lisboa, Setembro de 1948 — N.º 41

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O XXXV ANIVERSÁRIO DA A. E. P.

NESTE LONGO CAMINHO...

Sabemos que nos importa olhar para diante, porque o futuro está na nossa frente e mal iria a um Movimento de gente nova que se deixasse ficar meditando as coisas já vividas sem curar de abrir novos horizontes.

Mas, também, não podemos, nessa ânsia de ir mais longe, sacrificar a recordação de momentos do passado que constituem um verdadeiro património de trabalho e perseverança, confiado ao carinho dos que hoje servem o Movimento.

Não lembramos nem datas nem acontecimentos, como quem admira coisas sem vida, ùnicamente valiosas pela sua dignidade de museu; não rebuscamos feitos, trazidos da poeira dos arquivos, para alardear méritos ou afirmar direitos.

Limitamo-nos a recordar com naturalidade o que seria imperdoável esquecer, e a retirar do passado lição proveitosa que nos possa servir de norma para o futuro.

Se nos detemos a olhar os sinais que marcam a pista já seguida é para que saibamos donde vimos, onde estamos e para onde nos dirigimos neste longo caminho que temos de percorrer.

Por isso comemoramos este XXXV aniversário dos Escoteiros de Portugal.

* * *

No alvoraçado entusiasmo com que há trinta e cinco anos se reuniram esforços dispersos para lançar no País o Movimento que então surgia como promissora esperança de novas perspectivas na formação educativa da juventude, é possível que não se desse conta do extraordinário significado do momento e, até, que muitos espíritos, arrastados pela descrença, tomassem o facto como mais uma utópica importação adulterada de figurinos estrangeiros, inadaptáveis ao tão sacrificado manequim da vida nacional.

Se assim foi, maior admiração nos devem merecer os que tiveram a coragem da iniciativa e aqueles que se lhes juntaram na continuidade duma tarefa que veio afirmar a capacidade prática do Escotismo, realizado no nosso meio e pela nossa própria gente.

Trinta e cinco anos decorridos não é já altura de interrogarmos ansiosamente o futuro ou de consentir que a dúvida se mantenha sobre a vitalidade de princípios há tão largo tempo afirmados e conscientemente cumpridos.

Tão largo período de vida construtivamente dedicada ao serviço das novas gerações é mais do que suficiente para demonstrar o êxito da modesta experiência de 1913. Não o foi, porém, infelizmente, bastante para que a humanidade soubesse encontrar remédio para os seus erros e rumo seguro para a satisfação dos seus anseios.

(Continua na 3.ª página)

Este número tem 12 páginas e é comemorativo do XXXV Aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal.
A Direcção desta entidade coopera nesta edição.

O 35.º Aniversário dos Escoteiros de Portugal

Passando em 6 do corrente o 35.º aniversário da fundação dos Escoteiros de Portugal, e coincidindo esta data com o momento em que a mesma Associação ensaia os primeiros passos de um período de ressurgimento, o «Sempre Pronto», que há três anos vem lutando por esse mesmo ressurgimento, não pode deixar passar este aniversário sem o devido e merecido realce.

Queremos lembrar os Grupos n.os 1, 2 e 3 que constituiram a A. E. P. Deles só o «2» está em actividade. O «3», do Liceu de Pedro Nunes, acabou. O «1» da A. C. M. está suspenso. Parece-nos que seria uma justa homenagem aos fundadores do Escotismo se se procurasse reorganizar essa unidade de tão importantes tradições, viveiro de escoteiros e de dirigentes.

O «2» é o Grupo que merece parabéns. Quase 36 anos de actividade ininterrupta. Por isso desejamos saudar os seus chefes e escoteiros, bem como todos os dirigentes e escoteiros que durante esta longa jornada têm mantido acesa essa chama através de todas as dificuldades.

Dos fundadores, já passaram à eternidade Frank Giles, Roberto Moreton e Rodolfo Horner. Para eles, vai a nossa saudade.

Temos ainda a grande satisfação de ter connosco os três grandes pilares do Escotismo Nacional: Srs. Comandante Álvaro de Melo Machado, Drs. António J. Sá Oliveira e Alfredo Tovar de Lemos. Para eles e para todos os que com eles colaboraram e prosseguiram a obra encetada, vão as nossas homenagens sinceras.

Que nós, escoteiros de hoje, saibamos honrar os nossos antecessores realizando obra construtiva a bem da juventude portuguesa.

ALGUMAS CONCLUSÕES DA
I CONFERÊNCIA NACIONAL DE ESCOTISMO

Que reuniu em 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 1925

Tese «O ESCOTISMO E A PREPARAÇÃO MILITAR»

Apresentada pelo Sr. Coronel do Esta-o Maior, *Henrique Pires Monteiro*, Professor da Escola Militar e Membro do Conselho Nacional da Associação dos Escoteiros de Portugal.

1.ª—O Escotismo corresponde à necessidade colectiva da Defesa Nacional, preparando organismos robustos, incutindo o gosto pela vida ao ar livre, prescrevendo os exercícios desportivos de destreza, ministrando conhecimentos úteis ao funcionamento das instituições militares e, muito principalmente, habituando a obedecer e a dirigir.

2.ª—O Escotismo é o processo mais eficaz de educação cívica, e não se torna necessário que siga uma absoluta orientação militarista para alcançar o objectivo da preparação militar.

3.ª—Os prémios de educação física e desportiva, inscritos no orçamento do Ministério da Guerra, substituindo as verbas inúteis da chamada, viciosamente, Instrução Militar Prepatória, deverão ser entregues à Associação dos Escoteiros de Portugal, que proporá o regulamento oficial na sua mais conveniente distribuição.

4.ª—A propaganda do Escotismo deverá realizar-se, no intuito de permitir a pequena permanência no serviço militar efectivo, sem prejudicar a eficiência da Marinha e do Exército em campanha.

Tese «O INTERCÂMBIO COM O ESTRANGEIRO NAS INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS DE EDUCAÇÃO PELO SISTEMA DE BADEN-POWELL»

Apresentada pelo Sr. Dr. *Dinis Curson*, Escoteiro-Chefe, Antigo Comissário das Relações Internacionais da A. E. P.

1.ª—Devem intensificar-se as actuais relações entre os «scouts» portugueses e estrangeiros, pois trazem vantagens de ordem pedagógica e associativa e constituem uma eficaz propaganda do país.

2.ª—A fim de desenvolver e intensificar tais relações e estar em contacto com o «Boy Scouts International Bureau», de Londres, instituir-se-á um organismo especial e comum a todas as associações nacionais com existência legal e que estejam filiados no respectivo Bureau.

3.ª—Em cada localidade onde existam instituições de «scouting», organizar-se-á um núcleo associativo que reúna os «scouts» interessados no intercâmbio com o estrangeiro.

4.ª—A representação do movimento «scouting» nos congressos e reuniões que se realizem no estrangeiro far-se-á, não parcialmente pelas diversas associações, mas por delegações mistas, com unidade de organização, seleccionadas entre os componentes das diferentes instituições para este fim federadas, em harmonia com a conclusão 2.ª.

Tese «NECESSIDADE DA PREPARAÇÃO TEÓRICA DOS DIRIGENTES ESCOTEIROS»

Apresentada pelo Sr. Eng.º *Henrique de Barros*, Escoteiro-Chefe, Comissário das Relações Internacionais da A. E. P., Chefe do Grupo n.º 11 (Liceu de Camões).

1.ª—Em todas as bibliotecas das agremiações de «scouting» em Portugal, será criada uma secção de publicações pedagógicas destinadas a elucidar os dirigentes sobre a questão pedagógica geral.

2.ª—As referidas bibliotecas receberão sempre, quer por assinatura ou por troca, uma revista pedagógica de modo a colocarem os seus leitores ao corrente das actualidades pedagógicas.

3.ª—Os clubes de dirigentes incluirão, entre os assuntos a discutir, alguns de interesse pedagógico geral e procurarão trazer à sua sede, a fim de fazerem palestras, individualidades marcantes no nosso meio pedagógico.

4.ª—Nas escolas de chefes, que porventura se venham a realizar, destinar-se-ão um certo número de lições ao exame são dessas questões, e em todas as provas para diplomação se incluirão pontos cujo conhecimento implique a leitura de obras sobre educação.

Tese «O SISTEMA DAS INSÍGNIAS»

Apresentada pelo Sr. Dr. *Tovar de Lemos*, Comissário Nacional dos Escoteiros de Portugal.

1.ª—O sistema das insígnias é essencial para o Escotismo.

2.ª—Na reorganização dos programas das provas para obtenção das classes e insígnias de capacidade deverá fazer-se a deferenciação tendo em vista a característica dos rapazes dos grupos pertencentes a escolas comerciais, industriais, agrícolas ou marítimas.

3.ª—As insígnias de capacidade são elementos para o estudo do carácter, vocações e tendências dos rapazes, conhecedores da metodologia escotista.

4.ª—A instrução para a obtenção das insígnias de capacidade deve em geral ser confiada a instrutores especiais.

5.ª—Não há inconveniente em que o Chefe tire provas de capacidade e as ensine.

Tese «RECRUTAMENTO DOS CHEFES, SEU TREINO»

Apresentada pelo Sr. Dr. *Tovar de Lemos*, Comissário Nacional dos Escoteiros de Portugal.

1.ª—Devemos procurar antes de tudo, para escoteiros chefes, indivíduos que pelas suas qualidades morais, nos assegurem a sinceridade da intenção com que pretendem diplomar-se.

2.ª—Todo o indivíduo que pretenda dirigir um grupo de escoteiros deverá reunir além das qualidades morais, as físicas e intelectuais, pelo que deveremos procurar recrutar os chefes entre os indivíduos de categoria intelectual que ofereçam garantia de, pelo estudo, apreenderem o espírito do escotismo, e de eficácia do seu trabalho com os rapazes.

3.ª—Não devemos preocupar-nos sobremaneira com a questão do valor técnico do escoteiro-chefe, até ao momento em que esse valor se equilibre pelo estudo e pela observação e prática dos princípios escotistas.

4.ª—Para grupos de escolas especializadas, os chefes deverão ter as habilitações que lhes permitam cooperar na educação profissional a que os rapazes se destinam.

5.ª—O candidato deverá satisfazer por escrito as provas que lhe serão passadas pela Direcção Central e onde revelará conhecimentos sobre o escotismo, seus fins e métodos, estado actual de organização, qualidades dos rapazes nos vários períodos do seu desenvolvimento.

6.ª—Satisfeitas estas provas, trabalhará 6 meses no grupo, com rapazes, devendo durante este período ser auxiliado e vigiado quanto possível, pelo Comissário da Zona, ou entidade a que directamente estiver subordinado.

Tese «A INFLUÊNCIA SOCIAL DO ESCOTISMO»

Apresentada pelo Sr. Prof. Dr. *Marcelo Alves Caetano*, Escoteiro-Chefe.

Considerando que vários aspectos particulares da influência social do Escotismo—*v. g.* o avigoramento da raça, a preparação militar etc.—são objecto de teses especiais:

Estudamos nesta Tese apenas:

a) o aspecto económico—social
b) o aspecto internacional
c) o aspecto da reconstrução nacional.

E concluímos:

Sob o ponto de vista económico – social:

1.ª—Que o Escotismo, incluindo nos seus grupos rapazes de todas as classes sociais, prepara a cooperação das classes na vida económica e cria laços de funda amizade entre os dirigentes e os dirigidos de amanhã.

2.ª—O sistema de patrulhas, destruindo individualismos, criando nos rapazes a noção dum *agregado* cujos interesses são os seus e para cuja prosperidade directamente concorre, realiza a educação solidarista que levará ao sindicalismo integral.

3.ª—As insígnias de capacidade criam no rapaz o gosto pelos trabalhos manuais, despertam nele a vocação pelas profissões industriais; o campo, cria o amor à terra, revela-lhe a Natureza ubérrima, e a paz tranquila que faz o trabalho agrícola; a conquista dos graus pelo seu esforço, a educação dirigida no sentido de *bastar-se a si*, habituam-no a confiar no próprio esforço e a desdenhar do parasitismo burocrático ou do arrivismo comodista.

Sob o ponto de vista internacional:

1.ª—Universalista, porque os seus métodos se dirigem e se aplicam ao *rapaz*, em abstracto o movimento escotista prepara uma solidariedade entre os homens de todos os países que é condição *sin qua non* para o triunfo de uma organização de paz, como a Sociedade das Nações.

Sob o ponto de vista nacional:

1.ª—A política de amanhã deve ter a elevação que só lhe pode emprestar o desejo alevantado de *Servir* a Pátria, de contribuir para o bem comum. Se não há regime que valha sem *homens*—que são as pedras componentes do edifício das instituições—o Escotismo prepara um bom regime porque cria *homens*.

2.ª—Ministrando ao rapaz uma sólida educação moral e o gosto dos prazeres simples, o Escotismo corrige os defeitos de uma educação utilitarista e meramente intelectual, que, desprezando o lado moral, deixa uma geração afundar-se no prazer – gerador da tristeza, do desânimo, da derrota.

3.ª—Porque o Escotismo cria músculos e tempera almas; porque prepara dias melhores para Portugal, possuindo os segredos da sua restauração económica e moral e porque é fonte de virtudes cívicas, escola de acção, criador de uma geração despida de romantismo e forte da realidade, porque—numa palavra—é um movimento de Salvação:

A 1.ª Conferência Nacional de Escotismo aponta aos governantes portugueses a extraordinária influência social do Escotismo, e faz votos por que a protecção oficial permita a larga difussão deste método que o génio de Baden-Powell opôs à crise grave que o mundo atravessa.

(Continua na 3.ª página)

Algumas Conclusões da Conferência Nacional de Escotismo

(Continuação da 2.ª página)

Tese «DA VIABILIDADE E EFICÁCIA DO ESCOTISMO EM PORTUGAL»

Apresentada pelo Sr. *Álvaro Viana de Lemos*, Professor da Escola Normal Primária de Coimbra.

—O Escotismo é viável e absolutamente necessário em Portugal.

—É preciso apresentarem-se sempre, clara e sinceramente, os fins do Escotismo, e operar num campo em que possa haver comunidade de vistas, sem exibir nem ferir crenças, credos políticos ou outros interesses em jogo.

—Deve-se, primeiro que tudo, fazer assimilar o *espírito do Escotismo* pelo professorado, pelos pais de família e por todos aqueles que porventura tenham uma parcela educativa ou simplesmente directiva dos jovens.

— Deve estender-se aos dois sexos o Escotismo, no que de útil e racional se possa aplicar a cada sexo.

—Deve evitar-se, quanto possível, todas manifestações que se possam considerar de simples exibição e procurar que as crianças antes de praticarem qualquer exteriorização escotista já sejam escoteiros de coração.

—Para a conveniente expansão do Escotismo é preciso despertar um interesse benevolente em todos os meios, principalmente entre o operariado das cidades e das províncias, tanto oficinal como rural, e não por simples propaganda de palavras, mas pelos argumentos convincentes de acções... e efeitos.

—Nunca se deve perder de vista o *fundo de cultura moral* em que deve assentar o Escotismo e não considerar como fins o que são simplesmente meios.

—Ao iniciar-se em qualquer lugar o Escotismo, não nos devemos deter demasiado com os detalhes ou subtilezas da sua organização, administração e funcionamento, sem que seja primeiro assimilado o *seu espírito* e se anteveja sequência ao trabalho encetado.

—É preciso obter dos governos e das leis apoio decidido à acção escotista, sempre que ela se mantenha num campo humano, neutro e racional e se não afaste dos princípios basilares.

—A direcção dum movimento escotista deve ser confiada a quem o saiba sentir e tenha não só meios de fazer expandir as suas ideias, como a tenacidade necessária para persistir nelas e levá-las até onde for preciso.

—O Escotismo deve ser um meio de propagar pelo país a *vida simples* e o desprendimento de quantos luxos, frivolidades e vaidades têm entravado a sociabilidade e a nossa felicidade e bem-estar.

—É necessária uma larga divulgação pelo país e seus domínios, quer pelos jornais quer por folhetos, dos fins do Escotismo e do programa mínimo da sua acção, a fim de que se prepare o terreno onde se edifique com segurança e estabilidade.

Tese «CAMPOS DE JOGOS»

Apresentada pelo Sr. *Eduardo Moreira*, Secretário Geral da A. C. M., no Porto, Comissário de Zona da A. E. P.

1.ª—Que é de inadiável necessidade promover a educação dos novos por meio de acampamentos de jogos *(Playgrounds)*:

a) onde se desenvolvem os sistemas muscular e nervoso pela ginástica, tanto quanto possível recreativa, e se corrijam defeitos físicos;

b) onde se experimentem vocações profissionais e onde os dirigentes habilitados (*playleaders*) ensinem as leis da iniciativa, da observação, retentiva, da orientação, da auto-suficiência e da auto-disciplina, etc.;

c) onde se corrijam maus hábitos e se incutam noções de higiene moral e física, nomeadamente a pureza sexual;

d) onde se insinuem noções de lealdade e altruísmo pela competência colectivista em jogos de grupos, e onde se pratique a tolerância e a fraternidade por meio de uma amizade que respeita divergências de credo ou de raça;

e) onde brandamente se imponham princípios de obediência como meio necessário de harmonia, etc.

2.ª—Que deverão todos os grupos que pratiquem o Escotismo procurar tomar uma feição prática, a qual consiste não sòmente na técnica pròpriamente escotista como também na realização pedagógica da cultura do carácter, para a qual o material do campismo, os campos de jogos e todos os acessórios de dramaturgia psicológica e de movimentação ginástica são *meios* e não *fins*.

3.ª—Que deverão as organizações do Escotismo prover-se dos mais modernos métodos de educação integral, por meio dos jogos infantis e de adolescentes:

a) adaptando os jogos tradicionais portugueses à nossa intenção pedagógica;

b) transplantando os jogos pedagógicos estrangeiros para o nosso meio e condições;

c) organizando cursos dentro de um programa científico e moderno;

d) diplomando, após um conveniente estágio, instrutores especializados na referida matéria e recrutados entre pessoas de espírito altruísta e vocação reconhecida.

4.ª—Que devem todos os exercícios e recreios ser precedidos de exames físicos e médicos, o que é uma eficiência intuitiva, sendo por isso ocioso insistir na sua utilidade.

NESTE LONGO CAMINHO...

(Continuação da 1.ª página)

Com aflitiva actualidade — e com lamentável acréscimo de gravidade — deparam-se hoje os mesmos problemas de crise nas consciências, que há trinta e cinco anos já constituíam preocupação dos que não se deixavam embalar pelo sonho das promessas.

Mais do que nunca importa, por isso, dedicar, hoje, todos os esforços a uma sólida formação educativa da juventude.

Para tanto não são demais todas as generosas dedicações e toda a boa vontade dos que, de alma aberta, se dedicam a tal cruzada.

O Escotismo, tendo afirmado a sua capacidade de vida, há-de saber demonstrar a sua oportuna utilidade.

* * *

Nesta obra têm os Escoteiros de Portugal sentido a seu lado, vivendo comuns anseios e ideais, a presença fraterna do «Corpo Nacional de Escutas» que neste ano comemora, com justificado realce, o XXV aniversário da sua fundação.

Não pode ser para nós indiferente o acontecimento que festivamente vem afirmar, por caminho paralelo ao que seguimos, resultados concordantes para a mesma doutrina e idênticos métodos.

Lado a lado, confiantes e sorrindo às dificuldades, as duas Associações Irmãs podem orgulhar-se dos êxitos que a ambas pertencem porque fazem parte do passado que em comum construíram como garantia do futuro que se oferece à obra do Escotismo em Portugal.

É pois nossa, também, a festa alegremente vivida pelo «Corpo Nacional de Escutas» neste seu XXV aniversário.

* * *

Volvamos de novo os olhos para diante.

Não esperemos, nem desejemos, que tudo seja fácil à nossa frente e que a conquista de novas posições neste bom combate se venha a realizar sem sacrifícios, sem luta, sem trabalho duro e fatigante.

Havemos de ser capazes de vencer e as dificuldades só poderão aumentar o valor do nosso triunfo.

Ao colocar mais uma estrela na nossa bandeira, apenas devemos ambicionar que seja nova luz, de branca pureza, a iluminar o campo verde da esperança, em que se levanta a Flor de Lis que nos tem guiado.

Assim será, se Deus nos ajudar neste longo caminho...

Lisboa, 6 de Setembro de 1948.
Ano XXXVI dos Escoteiros de Portugal.

JORGE PEREIRA JARDIM
PRESIDENTE DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Dr. Alfredo Tovar de Lemos

Em missão oficial, para tomar parte no Congresso Internacional de Higiene, partiu no dia 31 de Agosto para Copenhague este este nosso prezado amigo. Seguiu no «Sud», até Paris, seguindo depois no «Expresso do Norte», via Alemanha.

COISAS DO NORTE

Daqui fala o Norte

Ora aqui está o Norte a afirmar que não está morto, e que a falta de notícias acerca de escotismo se deve sòmente ao facto de não ter havido quem tais notícias enviasse ao «*Sempre Pronto*».

Através deste jornal, os escoteiros do Norte saudam os seus camaradas do Centro e do Sul e fazem extensivas as suas saudações à Direcção do jornal «*Sempre Pronto*» desejando que a sua acção seja grandiosa em benefício do movimento escotista em Portugal.

Em Novembro de 1947, um passo em frente foi dado, e passo de gigante para bem do escotismo, com a entrada do Escoteiro-Chefe Diplomado, Sr. Amadeu Cândido Braga, para a chefia Regional. Digo passo de gigante, porque muito se pode fazer sob a sua chefia, desde que Cândido Braga arregasse as mangas. Já temos notado o efeito da sua acção quer nas reuniões mensais com os Dirigentes, quer nos trabalhos práticos no campo. Uma coisa nos apraz registar com satisfação: A sua visita contínua aos Grupos a fim de apreciar os nossos trabalhos, o que muito entusiasma não só os dirigentes como também os dirigidos. Ao lado de Amadeu Cândido Braga estão quatro rapazes cheios de boa vontade que lhe dão colaboração e de quem muito há a esperar. São Manuel Amorim, E. C. do Grupo n.º 4; Vidal V. dos Santos, E. C. do Grupo n.º 15; António Pinto Moreira, E. C. do Grupo n.º 44; Arnaldo Couto, E. C. do Grupo n.º 91. É caso para dizer que este «quinteto» da Região Norte, pode fazer algo de belo para o engrandecimento da A. E. P.

Quanto a trabalhos, alguns se têm realizado. Podemos já registar os seguintes:

Concentração no Grupo n.º 91, quando da visita ao Norte dos Srs. Ascenção Cardoso, Albano da Silva e Henrique Azevedo; Concentração do dia de S. Jorge; Bivaques Regionais na Serra de Valongo e no Monte da Virgem; Acampamento Regional em Milheirós da Maia, bem como em perspectiva outro acampamento Regional nos dias 28 e 29 de Agosto, cujo relato será dado próximo número. Outras actividades estão em vista.

A Região do Norte aproveita esta oportunidade para pùblicamente saudar o seu Chefe Regional e afirmar-lhe que de si espera grandes coisas para bem do esco-

(Continua na 11.ª página)

O Sr. Dr. Tovar de Lemos evoca a vida associativa da A. E. P

"Cousas que já passaram,,

Tantas são as recordações dos primeiros tempos do escotismo, entre nós, que todas se baralham de tal modo, que difícil se torna dizer alguma cousa em tão pouco espaço.

Recordo o tempo em que na Academia dos Estudos Livres, então na Rua da Emenda, presidia o Dr. Sá Oliveira, o padre Sá, às primeiras reuniões donde saiu a Associação, em 1913, constituída pelos três primeiros Grupos, o 1.º da Associação Cristã da Mocidade, o 2.º da Academia dos Estudos Livres e o 3.º do Liceu de Pedro Nunes.

Recordo com prazer as longas discussões que, depois sob a presidência do Prof. António Curson, então presidente da A. E. P., se realizavam no Instituto Superior do Comércio, ao Quelhas, para estabelecer os mandamentos da Lei do Escoteiro, adaptando os regulamentos ingleses, as *rules*, os franceses e os belgas, todos querendo que a nossa lei fosse a mais perfeita e mais completa, ficando por fim a mais complexa e difícil.

Tempos dos mais belos, sem dúvida, foram os períodos de experiência, de adaptação, de organização dos princípios fundamentais de Baden-Powell. Época de entusiasmo, a ponto de criar dissenções, conflitos de ideias e interpretações. Depois, pelos anos fora, as várias modalidades que o Escotismo foi tomando, reflexo da evolução que o Movimento ia sofrendo pelo Mundo, devido à aparição de livros novos com aspectos variados e o aperfeiçoamento dos métodos educativos.



O Sr. Dr. Tovar de Lemos quando Comissário Nacional

Recordo o célebre Capa Azul, o nosso primeiro regulamento de Melo Machado e Joaquim Borrego; o livro do Capitão Royet, com o condestável Joaquim Amâncio, o criador dos exercícios do triângulo, do quadrado e do polígono, o seu mareato e os acampamentos debaixo de água na Senhora da Rocha; a publicação dos livros de Loiseau, John Hargrave, Tomás Setton; a introdução entre nós do Cubbing, os lobitos do Franklin, a saudação e o uivo com a cooperação da nossa Teresinha, hoje a esposa do Presidente da A. E. P., o engenheiro Jorge Jardim, a dificuldade de aplicação entre nós do Rovering, as ideias do Dinis Curson e Fausto Leite, as lutas e os entendimentos com o adueirismo de Barros Bastos, com o C. N. E., os Municipais, os Marítimos de Vasco da Gama.

Como é interessante recordar o período de intenso trabalho quando se pretendeu a organização de Grupos de Escoteiros nas Escolas Primárias, ao abrigo da reforma do ensino de António José de Almeida; as dificuldades em obter receitas para a Associação, as bandeirinhas, os elefantes e os burros de pasta de papel de Augusto Lobo, o sorteio do beijo do seu filhinho, a obtenção de alguns subsídios!

Recordo o «only», o único King's Scout, o Escoteiro da Pátria José Borrego, enfim quantas comissões e pessoas interessadas no estudo das provas de especialidades que depois passaram a provas de capacidade, as alterações dos programas para as provas de classe!

Que de cousas saem deste saco de recordações que tive entre mãos mais de 20 anos e que ainda conservo em lugar de apreço e lhe deito para dentro de quando em quando impressões já dos tempos modernos.

Parafraseando Júlio Dantas direi: Como o tempo passou e como hoje é diferente o Escotismo em Portugal!

Ao período de construção, ensaios e incertezas seguiu-se o de organização e hoje o Escotismo é um movimento que ainda não foi superado por nenhum outro, não obstante ter servido de base e fundamento a todos os movimentos educativos da juventude.

Há necessidade de o adaptar à educação do rapaz, à época que vamos atravessando, aos progressos que o Mundo vai fazendo para que os ra-

(Continua na 11.ª página)

O VIII Acampamento Nacional do C. N. E.

No arborizado monte do Bom Jesus da pitoresca cidade de Braga, a 51 quil. do Porto, cidade verde, cheia de encanto e de beleza, berço do escotismo católico que em 1923 estava em embrião mas hoje é uma realidade, realizou-se com toda a solenidade o VIII Acampamento Nacional do C. N. E. Na qualidade de Chefe do Grupo 15 da A. E P., bem como de Delegado do Norte do jornal «*Sempre Pronto*», fomos assistir ao encerramento do VIII Nacional que coincidia com as bodas de prata do C. N. E. 25 anos de actividade em prol do escotismo! 25 anos duma associação congénere que se irmana connosco no mesmo ideal.

No meio daquele cenário verde cheio de pitoresco e de verdura, uma «cidade de lona» se improvisou.

No dia 21 chegaram ali os representantes da A. E. P. nas pessoas do nosso Chefe Geral Sr. Eng.º Jorge Cardoso e Tesoureiro Sr. Ascenção Cardoso, que se fizeram acompanhar do Sr. Manuel Amorim, Secretário Regional do Norte da A. E. P.

No dia 22 pelas 12,45 entrava no acampamento uma delegação do Norte da A. E. P., composta pelo Chefe Regional do Norte Sr. Amadeu Cândido Braga, Vidal dos Santos, Chefe do Grupo 15, Manuel Reis, Sub-chefe do Grupo 91 e Rui Mota, guia de Secção júnior do Grupo n.º 4. Logo à entrada fomos aclamados pela região do Norte do C. N. E. Ali fomos encontrar rapazes que há 23 anos se tornaram conhecidos através do escotismo e que, no decorrer dos anos, se fizeram verdadeiros amigos: Valverde, Arlindo, Cardoso e muitos outros logo nos apareceram para nos estreitar num abraço fraternal, abraço que traduzido seria o mesmo que dizer: Sede benvindos ao VIII. Àparte destes, outros rapazes contemplámos pela primeira vez que, num alegre sorriso e num abraço amigo, pareciam rapazes que já conhecíamos há bastantes anos. E logo após a nossa chegada, os convites para o almoço sucediam-se de vários lados, tendo optado, sem desprimor para alguém, pela cozinha do *Búfalo Bill* da Região do Norte, que era o conjunto dos Grupos 8 e 15. Ali era a nossa casa. Ali era, ainda que sòmente por dias, um bocado do nosso Porto, torrão natal que tanto estimamos e a que tanto queremos. Depois do almoço que o Chefe Seabra nos mandou servir, fomos apreciar, na companhia já de muitos amigos, o acampamento na sua extensão e no seu conjunto. Ali encontrámos o Sr. Dr. Luís Faria, da Região de Lisboa, que logo disparou, à entrada do campo, a objectiva da sua Kodak para recordações futuras. Nesta região encontrámos os dirigentes da A. E. P., uns em conversa amena e outros saboreando a cozinha de Lisboa. Visitámos os campos de Tomar, Guarda, Covilhã, Guimarães, Braga, Póvoa de Varzim, etc., onde tudo nos encantou, tendo apreciado sobretudo como os escoteiros da Covilhã trouxeram ao VIII Nacional uma vista da Serra da Estrela com as suas camadas de neve, com os amadores dos desportos de inverno e ainda o camponês com o seu traje rústico. Fomos recebidos com toda a simpatia pelo Secretário Regional da Guarda, Sr. F. F. Pombo, de quem trazemos as melhores impressões. Visitámos ainda o campo dos lobitos onde encontrámos uma verdadeira alcateia. Ali se encontrava o dedo de velhas lobas que tinham sob a sua direcção os pequenos lobitos. Destacamos de todos eles um lobito que isoladamente se deslocou de Tomar. Não se importou de representar sòzinho a sua região, provàvelmente pelo prazer que teve em comparticipar em tão belo acampamento.

À tarde e com a assistência de grande multidão assistimos à festa de campo que decorreu animadíssima, com a presença de autoridades civis, militares, eclesiásticas, e dos representantes da A. E. P.

Num discurso alusivo ao momento, falou o Chefe Nacional do C. N. E. O Secretário Nacional lembrou figuras grandes no passado do C. N. E., leu a última Ordem de Serviço do VIII Acampamento Nacional, que confere a medalha comemorativa das bodas de prata do C. N. E., de ouro, a várias entidades, entre elas à A. E. P., ao seu ilustre Presidente, Sr. Eng.º Pereira Jardim, ao seu Chefe-Geral, Sr. Eng.º Jorge Cardoso e ao seu Tesoureiro, Sr. Ascenção Cardoso, a medalha de prata ao Chefe Regional do Norte e ao Secretário Regional, sendo igualmente conferidas as medalhas da classe ouro, prata, cobre e metal comum, respectivamente aos escutas com mais de 20 anos, de 10 a 20, de 5 a 10 e com menos de cinco anos. Assistimos ainda a vários jogos, tendo sobressaído, com invulgar êxito, os pauliteiros do Grupo n.º 8 do Porto, trabalho executado por lobitos, sob a orientação do escuta e dedicado amigo Sr. Manuel Cardoso. O programa terminou com o hino nacional entoado pelos escutas.

Terminada a festa de campo, os escutas seguiram para o acampamento, em parada, levando à frente a Bandeira Nacional e seguida por todos os galhardetes e bandeiras presentes, findando assim o VIII Acampamento Nacional, no Bom Jesus, em Braga.

Depois, deslizámos, monte abaixo, deixando com saudade a improvisada «cidade de lona», e... ficámos aguardando o IX que para o próximo ano se realizará em Évora.

ÁGUIA BRANCA

O Sr. Rev. Eduardo Moreira recorda a fundação do 1.º Grupo de Escoteiros

Reminiscências dum veterano

Terminara a Grande Guerra I.

A Associação Cristã da Mocidade regurgitava de jovens e adolescentes, zumbindo e pulando, cantando e rindo, nas salas da Rua das Gaivotas, em volta de dois homens cuja influência foi decisiva para muitas vidas em flor: Rodolfo Horner e Roberto Moreton.

Um era suíço germânico e o outro, nascido no Porto, era filho de ingleses oriundos da América Latina. O primeiro era um homem de esfusiante alegria, de semblante acolhedor, de palavra fácil e inteligência aberta. Coxeava um pouco, devido a um desastre no desporto da neve, mas movia-se constantemente. O segundo, na aparência menos favorecido de dotes naturais, era um verdadeiro milagre da vontade, no seu dedicado serviço e na simpatia oblida, e merecida.

Dizia-se de Rodolfo Horner que se o arcanjo Gabriel descesse em Lisboa ele iria imediatamente convidá-lo para uma série da conferências! Mas tanto ele como Roberto Moreton, eles mesmos, fizeram conferências às dezenas, fosse sobre um passeio na China como sobre os benefícios do carvão de pedra! Com ou sem projecções da velha lanterna mágica, que fez as delícias de duas gerações ante-cinéfilas.

Foi nesse ambiente tão favorável que Frank Giles criou o Grupo n.º 1 dos Escoteiros de Portugal. Foi fácil—ia a dizer demasiadamente fácil—propagar a ideia e torná-la querida entre nós. O português tem uma facilidade prodigiosa em assimilar. Oxalá a tivesse em aprofundar as razões criadoras e em conservar as forças mantenedoras daquilo que assimila tão fàcilmente!

Os rapazes inscreviam-se, fardavam-se, estudavam, especializavam-se, trabalhavam a valer, e tudo isto como que brincando, ou brincando mesmo...

Os meus dois rapazes lá iam, desde o Intendente ao Conde Barão, em caminhadas de meia hora, para as aulas, as formaturas, os jogos, os trabalhos, as palestras; e um deles tão novito que lhe chamaram o «Mal-se-enxerga». E quanto eles lucraram da influência dos métodos, dos estudos, dos brinquedos, dos chefes e dos dirigentes da Instituição-mãe, esses que eram a mola semi-oculta de toda a engrenagem, só Deus o sabe com inteireza, ainda que eu o pressinta com gratidão.

Já lá vão trinta anos. O «1» é hoje uma tradição, uma saudade, e talvez um desejo de renascimento. Mas os frutos, alguns dos frutos, esses estão à vista, para que se bem-diga o escotismo.

EDUARDO MOREIRA

Antigo Comissário da Zona do Porto e Secretário Geral da A. E. P.

O Acampamento de Férias do Grupo n.º 5

O Grupo n.º 5 dos Escoteiros de Portugal, levantou no passado dia 15 o acampamento de verão na Serra da Arrábida, a que nos referimos no último número.

No dia 14, sábado, com a assistência de vários núcleos de campistas que se encontravam nas proximidades, realizou-se o tradicional «Fogo de Conselho» para encerramento do acampamento e início das festas comemorativas do 27.º aniversário do 5.

Depois do Chefe do Grupo ter dado início ao «Fogo de Conselho» e de ter agradecido aos visitantes a sua agradável presença, um dos escoteiros presentes, numa pequena alocução, salientou a grande dedicação e espírito de sacrifício de um dos mais antigos escoteiros de Portugal, Sr. Mário Fernandes, que há anos chefia o Grupo n.º 5, homenagem a que se associaram os escoteiros presentes, agradecidos pela camaradagem e amizade que o seu Chefe lhes dedica.

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.
Na Vidraria Nacional, Rua dos Correeiros, 91.

ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DO ESCOTISMO EM PORTUGAL

Assinalando a passagem do XXXV Aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal, apresentamos uma resenha dos principais factos da História do Escotismo em Portugal. Necessàriamente incompleta, pedimos aos nossos estimados leitores o obséquio de rectificar alguma informação porventura menos exacta, e aos Grupos de Escoteiros, que ainda o não tenham feito, o envio de elementos para completar, tanto quando possível, esta série de informações.

1911—O 1.º Tenente Álvaro de Melo Machado funda em Macau um grupo de escoteiros, o primeiro em terras portuguesas.

1912—Abril 9—Funda-se na União Cristã da Mocidade o 1.º Grupo de Escoteiros, por iniciativa de Erick Franck Giles (que chefiou), Alfredo Leote, Rodolfo Horner e Roberto Moreton, Prestaram Compromisso de Honra nesse dia os escoteiros: A. G. Gomes, Roberto Rangel, Romerito Pampolim, Horácio Toscano Delgado, José Maximiano Silva, Júlio Afonso da Costa, João da Silva Rosado, Clipton Lobo e Evaristo Pires Ramos.

Dezembro 1—É fundado em Lisboa, na Academia de Estudos Livres, o Grupo n.º 2, pelo Sr. Com.te Álvaro de Melo Machado, grupo que conseguiu manter até hoje uma actividade ininterrupta.

1913—Set.º 6—Os Grupos n.º 1 (União Cristã da Mocidade), n.º 2 (Academia de Estudos Livres) e n.º 3 (Liceu de Pedro Nunes), fundam a Associação dos Escoteiros de Portugal. É seu primeiro presidente o Sr. Dr. Sá Oliveira, reitor do Liceu de Pedro Nunes; e seu primeiro escoteiro-chefe geral o Sr. Com.te Melo Machado.

1914—No princípio do ano, funda-se em Évora o Grupo n.º 27 da A. E. P. É seu chefe Franklin de Oliveira, e sub-chefe António Lobo de Carvalho.

Maio 20—É fundado na Igreja Evangélica Lisbonense o Grupo n.º 7, sob a chefia de Luciano Silva.

Agosto—O Com.te Melo Machado funda na cidade de Lourenço Marques um grupo de escoteiros.

1915—Maio 14—Os escoteiros prestam serviços de socorros por ocasião de um movimento revolucionário.

Nov.º—Publica-se o primeiro número de «O Escoteiro», órgão da A. E. P., sob a direcção do Sr. Dr. António J. Sá Oliveira.

1916—Março—Funda-se o primeiro grupo de escoteiras (Guias) integrado na A. E. P., sob o número 28, e chefiado por Maria Luísa de Guimarães.

Abril—Os escoteiros prestam relevantes serviços no incêndio do edifício do Arsenal da Marinha, salvando tudo o que podiam, embrenhando-se entre a fumarada e jactos de água, salvando livros da biblioteca, conduzindo feridos ao posto de socorros e auxiliando os bombeiros. Mereceram os maiores elogios do Ministro da Marinha e de outros altos funcionários do Ministério e ainda de toda a imprensa da capital.

Maio—Bernardino Machado, Presidente da República, aceita o cargo de presidente honorário da A. E. P.

Junho 4—Com um acampamento na Paiã, é iniciada uma extensa série de exercícios gerais.

—Por ocasião da Feira de S. João em Évora, revoltou-se o regimento de Infantaria 11. Os escoteiros do Grupo n.º 27 prestam relevantes serviços nos socorros a feridos.

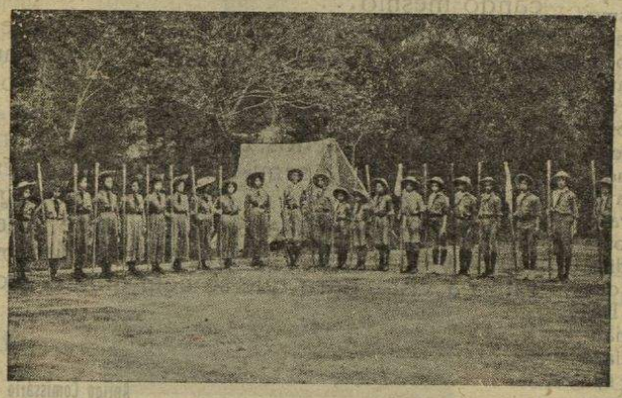
1917 - Maio 10—É publicado o decreto n.º 3.120-B, aprovando o regulamento da A. E. P. e reconhecendo-a de utilidade pública.

Dezembro 5—Durante uma revolta militar em Lisboa, os escoteiros prestam relevantes serviços no transporte de feridos.

1918—Dezembro—A A. E. P. faz-se representar com 160 escoteiros no funeral do Chefe de Estado Dr. Sidónio Pais.

1919—Janeiro—Publica-se o último número, o 17, da 1.ª série, de «O Escoteiro», órgão da A. E. P.

1920—Agosto—Portugal faz-se representar no 1.º «Jamboree» Mundial, em Olympia, Londres. A delegação portuguesa entrega ao fundador do Escotismo, Lorde Baden-Powell, o diploma de Escoteiro-Chefe honorário dos Escoteiros de Portugal.



O primeiro grupo de escoteiros e escoteiras formado em território português, na nossa colónia de Macau

1921—Abril 9—A A. E. P. toma parte no cortejo de homenagem aos soldados desconhecidos. Na Praça do Duque de Terceira houve pânico e os escoteiros dão um belo exemplo de serenidade, conservando-se calmos.

Maio 9—Aparece o primeiro número, copiografado, do «Sempre Pronto» órgão do primeiro grupo da A. E. P.

A Associação dos Escoteiros britânica condecora com a medalha de mérito Roberto Moreton, presidente do Grupo n.º 1 e Alberto Lima Basto, chefe da delegação portuguesa ao «Jamboree» e com a medalha de «Agradecimento» (prata) o sub-guia da 1.ª Patrulha daquela grupo Eric Moreton, por serviços prestados no «Jamboree» como intérprete.

Agosto 9—Aparece no «*Sempre Pronto*» a canção «Braço Vara» de Eduardo Moreira.

Setembro—O jornal «*Sempre Pronto*» passa a publicar-se impresso.

—6—Funda-se o Grupo n.º 5, com sede na Cruzada das Mulheres Portuguesas, sob a chefia interina de Artur Ferreira do Carmo.

Dezembro 11—O Sr. Manuel Duarte Borrego assume a chefia efectiva do Grupo n.º 5.

1922—Fevereiro—Publica-se o último número do jornal «*Sempre Pronto*» editado pelo Grupo n.º 1.

—17—A direcção da A. E. P. aprova o projecto de alteração dos Estatutos.

Março 22—É fundado no Porto, o Grupo n.º 15, sob a chefia do E. C. António Alves Dória.

Em mês que não foi possível identificar, é fundado na Associação de Beneficência da Freguesia da Encarnação, o Grupo n.º 6, sob a chefia do E. C. Alberto Lima Basto.

Novembro 14—Nos terrenos da Escola Normal Primária, em Benfica, efectua-se o primeiro acampamento da série que constituiu o 1.º Curso de Escoteiros Chefes.

1923—Julho—Aparece o primeiro número da 2.ª série de «O Escoteiro», tendo como editor o E. C. Fausto Salazar Leite.

—28—É nomeado comissário técnico da zona de Lisboa o E. C. Albano da Silva.

1924—Abril—É nomeado comissário técnico da zona de Lisboa o E. C. Alberto Lima Basto.

Maio 5—O «*Diário do Governo*» publica um decreto aprovando os Estatutos do C. N. E.

Agosto—A A. E. P. faz-se representar no «Jamboree» Mundial da Dinamarca. Os delegados à Conferência Internacional são Henrique de Barros, Dinis Curson e Joaquim Duarte Borrego.

1925—Janeiro 17—Funda-se em Olhão o Grupo n.º 6 de Escoteiros de Portugal. É seu primeiro Chefe o E. C. Humberto Martins.

Janeiro 31 e Fevereiro 1—Realiza-se a 1.ª Conferência Nacional de Escotismo.

Outubro—O Grupo n.º 6 de Olhão efectua uma viagem de propaganda escotista através de toda a província do Algarve de que resulta a fundação de grupos de escoteiros em Tavira, Vila Real de Santo António, Silves, Loulé, Portimão e Lagos.

1926—Maio 13—Os E. C. João Trigueiros e Humberto Martins, fundam em Tavira o Grupo n.º 59.

Novembro 7—Forma-se no Seixal uma patrulha de escoteiros, que mais tarde se transformou no grupo daquela localidade.

1927—Maio 10—É oficialmente concedida à patrulha do Seixal a categoria de grupo, que passa a ser o n.º 67.

Julho 19—Morre na Suíça, em Genebra, Rodolfo Horner, que foi um dos fundadores do 1.º Grupo.

Agosto—13 a 23—Efectua-se na Maia de Queluz o primeiro e até agora único Campo-escola de Guias de Patrulha.

1929 - Março 4—Baden-Powell visita Portugal pela primeira vez, tendo sido recebido pelo Presidente da República.

1931—Dezembro—Reuniu a 1.ª Conferência Nacional de Dirigentes.

1933—Março 21—É reorganizado o o Grupo n.º 15 do Porto, sob a chefia do E. C. Amadeu Cândido Braga.

Junho 22—É fundado em Angra do Heroísmo o Grupo n.º 52, sob a chefia de Virgílio Óscar Pires Toste.

1933—Junho — Hubert Martin, director do Bureau Internacional, visita a ilha da Madeira, sendo recebido por representantes da A. E. P., C. N. E. e das Guias de Portugal.

Agosto—De 13 a 21 efectua-se em Carcavelos o primeiro acampamento de férias, durante o qual se realiza a II Conferência Nacional de Dirigentes.

Dezembro 1—É fundado o Grupo n.º 53, anexo à Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo, sob a chefia do E. C. David José Alves Baudoin.

1934—Abril — É conferido o título de sócio honorário da A. E. P. ao notável dirigente escotista brasileiro Com.te Benjamim Sodré, autor do «Guia do Escoteiro».

—12—Baden-Powell, na companhia de sua esposa e de 700 dirigentes escotistas britânicos, visita Portugal, mas não lhe é possível sair do barco, o «Adriatic», por se encontrar doente. Sua esposa é recebida na Câmara Municipal de Lisboa e realiza-se uma grande parada na qual tomam parte, além das guias e escoteiros britânicos, grandes contingentes da A. E. P., C. N. E., U. A. P. e Guias de Portugal.

Junho — Funda-se em Sintra o Grupo n.º 93, o que proporciona uma grande concentração de escoteiros em Sintra.

—2—Realiza-se uma sessão solene na Sociedade de Geografia, onde foram entregues as insígnias da «Ordem de Benemerência» à A. E. P. Assistiram à sessão o Presidente da República e membros do Governo.

Julho 8—Funda-se o Grupo n.º 94, na Igreja Evangélica Ajudense, em Lisboa, chefiado por Alves de Azevedo.

Setembro 9 a 21—Por ocasião da Exposição Colonial, realiza-se no Porto um acampamento nacional, no qual tomam parte mais de 800 escoteiros.

1935—Junho 28—Reúne em Lisboa a III Conferência de Dirigentes, tendo sido eleito Presidente da A. E. P. o Dr. Armindo Monteiro e presidente da Comissão Executiva o Dr. Pêdro Teotónio Pereira.

1936 — Abril — O Grupo n.º 16 de Carcavelos realiza nas salas do Grémio Alentejano a 1.ª Semana Portuguesa «Z», sob a orientação do Sr. Dr. Manuel Marques da Mata, seu médico instrutor, e do Chefe Sr. Ten. Joaquim Prazeres.

Maio 2 e 3—Realiza-se na Tapada das Necessidades um acampamento de propaganda no qual tomam parte 300 escoteiros dos Grupos 1, 2, 7, 9, 13, 73, 74, 79, 93, 94, 99, 103 e 115.

Junho 7—Realiza-se uma concentração geral de todos os grupos de Lisboa no campo do Jockey Clube, onde foi passada revista pelo presidente da Comissão Executiva.

Agosto 13 a 16—Romagem dos Escoteiros de Portugal à Batalha, na qual tomam parte 400 rapazes.

Setembro — Morre Roberto Moreton, fundador do Grupo n.º 1 e seu presidente desde sempre.

1937—Abril 23—Realiza-se na Sociedade de Geografia uma sessão comemorativa do Jubileu do Escotismo Português.

Setembro — Inicia-se a reorganização do Grupo n.º 94 sob a chefia de Eduardo Ribeiro.

Dezembro 1—Os grupos de Lisboa prestam homenagem ao Grupo n.º 2 pela passagem das suas «Bodas de Prata», tendo-lhe sido entregue pela A. E. P. a «Cruz Suástica de Ouro».

1938—31 Agosto a 9 Setembro—Realiza-se em Benfica, na Quinta da Fonte, um importante acampamento regional, comemorativo do Jubileu da A. E. P., no qual tomam parte delegações de todo o país e ilhas adjacentes.

Setembro 4—Reúne em Lisboa a IV Conferência de Dirigentes, tendo sido eleito Presidente da A. E. P. o Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto.

1940—De 30 de Agosto a 9 de Setembro—Nos terrenos anexos ao Hospital Colonial, em Lisboa, realiza-se o Acampamento dos Centenários, no qual tomam parte delegações de todo o Continente.

1941—Outubro 1—Publica-se o primeiro número de «O Escoteiro» sob a direcção de Franklin de Oliveira. Publicou apenas 5 números até Janeiro de 1942.

1942—Abril 7—Reúne a V Conferência de Dirigentes, tendo sido eleito Presidente da A. E. P. o Sr. Cap. Álvaro Afonso dos Santos.

1944—Setembro 2 a 11—Realiza-se no Estoril o acampamento de Verão da região centro, sob a chefia de Jorge Jardim.

1945—Janeiro — Aparece o 1.º número do jornal «Sempre Pronto», órgão do Grupo n.º 94 da A. E. P.

Outubro — Os Chefes dos grupos da região centro, secundados pelos Chefes dos grupos de todo o país, protestam junto do Presidente da A. E. P. contra as arbitrariedades cometidas pela Direcção Central.

1947—Janeiro 11—O «S. P.» realiza no salão do Ateneu Comercial de Lisboa, perante numerosa assistência, uma sessão solene comemorativa do seu 2.º aniversário, presidindo o Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto e proferindo um discurso o jornalista Belo Redondo, sob o tema «Decisão — Legenda da Vida, Norma do Escotismo».

Fevereiro 25—O «S. P.» promove no Ateneu Comercial de Lisboa, uma sessão solene comemorativa do 90.º aniversário de Baden-Powell, a qual foi presidida pelo Sr. Rev. Eduardo Moreira, e onde o Sr. Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior pronunciou um discurso subordinado ao tema «Baden-Powell — Um dos grandes descobrires».

Março 16—Grande jornada de propaganda escotista na Póvoa de Santa Iria, promovida pelo «S. P.» assinalando a organização do Grupo n.º 8, naquela localidade, sob a chefia de Ayres Gomes Dinis.

Novembro 22 - O «S. P.» realiza nos salões do A. C. L. uma Exposição de Fotografias e Recordações do «Jamboree» de Moisson. Na sessão solene inaugural, o Sr. Dr. Leopoldo Figueiredo pronunciou umas palavras acerca daquele grande acampamento escotista.

1948—Maio 31—Na sede central toma posse do cargo de Presidente da A. E. P. o Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim.

Julho 15—É reconhecida oficialmente pela A. E. P. a publicação do jornal «*Sempre Pronto*», propriedade do «Círculo Fraternal de Cooperação Escotista».

• • o • •

Dos Amigos do "Sempre Pronto„

Nascimentos—O lar do nosso estimado amigo Sr. Levy Augusto Lobato, antigo escoteiro do 2.º Grupo, e de sua esposa Sr.ª D. Josefina Barros Freixo Lobato, foi enriquecido em 19 de Julho p. p. com uma interessante menina, a Maria do Carmo. Aos felizes pais enviamos os nossos parabéns com votos de muitas venturas.

● O lar do nosso irmão-escoteiro Sr. Armando Lino e de sua esposa, Sr.ª D. Virtudes Lino, foi abençoado com o nascimento de mais uma interessante menina, por cujo motivo os felicitamos, augurando muitas venturas à filhinha e alegrias aos *papás*.

• • o • •

Cumprimentos ao «Sempre Pronto»

Tiveram a gentileza de nos enviar cumprimentos por motivo do reconhecimento oficial, por parte dos Escoteiros de Portugal, do «*Sempre Pronto*», os nossos estimados amigos e irmãos-escoteiros Srs. Vidal Vieira dos Santos, Luís Simões Aurélio, Francisco Militão dos Santos e Enrique Genovés, a quem apresentamos os nossos agradecimentos e saudações afectuosas.

Entre nós, Chefes

As actividades de campo

Meu caro camarada:

Quando há dias conversámos acerca da época de verão que estava quase a terminar e me disseste que esperavas fazer ainda uns dois acampamentos para depois arrumares o material nos vistosos armários do teu Grupo, fiquei bastante surpreendido.

O maior erro que um Dirigente pode cometer é limitar à temporada de verão, as actividades de campo do seu Grupo de Escoteiros. É no campo, em pleno ar livre, que o Escotismo se vive. Portanto, a bem da saúde física, espiritual e moral dos teus rapazes, deves conduzi-los ao campo ou à praia, à campina ou à serra, durante as quatro estações do ano.

Porque o verão é a pior das estações para as actividades escotistas de campo. O calor obriga os rapazes à inactividade, abrigados debaixo das sombras acolhedoras do arvoredo. De inverno o frio convida ao movimento, à acção; a marcha é agradável, os jogos são convidativos.

Não meu amigo. Não arrumes o material. Continua a abandonar a cidade em busca do ar puro, dos ambientes arejados. Continua a sair no sábado à noite. Talvez os teus rapazes não disponham de equipamento capaz de acampar de inverno. Não tem dúvida. Qualquer dos muitos amigos do Escotismo colocará à vossa disposição um palheiro onde podereis passar uma noite tranquila e còmodamente instalados. Mas se os escoteiros do teu Grupo dispuserem de mantas e abafos de lã, dum bom pano isolador para a tenda, no inverno também se faz bom campismo.

Podeis também ficar a noite na vossa sede e madrugada, quando a cidade ainda dorme, partir para o campo. Que agradáveis são estas excursões!...

O meu conselho, portanto, é que não arrumes o material. Continua a gozar os maravilhosos dias que o ameno clima da nossa Pátria nos proporciona em qualquer estação do ano. Se assim fizeres, o teu Grupo não enfrequecerá como aconteceu o ano passado.

Aceita um abraço do teu camarada

LOBO VELHO

O Sr. Comandante Melo Machado saúda os actuais dirigentes escotistas e incita-os a prosseguir a sua obra com esforço, tenacidade, paciência e fé

O Mundo debate-se numa crise gigantesca de valores morais.

O Escotismo, escola de formação de caracteres, constitui um dos elementos que podem combater essa crise.

Em Portugal, a Associação dos Escoteiros de Portugal, lutando desde o seu início contra um meio adverso e difícil de dominar, não conseguiu realizar obra que se impusesse em extensão, e, mais tarde, teve de bater-se contra uma incompreensão que por pouco lhe não custou a vida.

Através de todas as dificuldades e vicissitudes, com uma tenacidade e firmeza de propósitos que, só por si, são o espelho das virtudes que pretende espalhar entre a mocidade, conseguiu manter-se até hoje de cabeça erguida, com os olhos postos numa sagrada missão a cumprir.

Se o pouco que me foi possível fazer por essa Instituição e pela implantação e expansão do Escotismo na nossa terra me pode dar alguma autoridade, eu saúdo os que tomaram em suas mãos a aliciante mas difícil tarefa de procurar, pelos seus métodos e processos, formar e temperar o carácter dos nossos rapazes e incito-os a que continuem a sua obra, fortes pelo muito que lutarmos e pelo grande objectivo a que visam, na certeza de que, com esforço, tenacidade, paciência e fé, tudo é possível conseguir.

ÁLVARO MACHADO

«O Escotismo em Portugal tem sido uma obra notável de perseverança», — afirma o Sr. Dr. Sá Oliveira

Tem sido uma obra notável de perseverança, o escotismo em Portugal.

A escassez de recursos materiais e a falta de apoio moral, que chegou até à extinção de grupos escolares, não lograram vencer a desinteressada dedicação de muitos. Excelente escola de educação moral e cívica, porque não a auxiliam? porque não a protegem? porque não a acarinham? Chego a convencer-me de que é em tudo isto que reside a verdadeira causa da sua já longa vida. O conceito parecerá paradoxal; mas parece-me exacto.

Excepções, respeitam-se, mas não contam.

Venda Seca, 1 de Setembro de 1948

ANTÓNIO J. DE SÁ OLIVEIRA

PUBLICAÇÕES

Causas de Insucesso Escolar

O Sr. Dr. Paiva Boléo, médico escolar do Liceu de Gil Vicente, proferiu no Porto, em 21 de Abril passado, a convite da prestante Liga Portuguesa de Profilaxia Social, uma conferência que subordinou ao tema *Causas de Insucesso Escolar*. De uma maneira brilhante, mas clara e acessível, o Sr. Dr. Boléo provou que o insucesso escolar é muitas vezes, consequência de lesões físicas ou psíquicas, como infecções, deficiências orgânicas, perturbações mentais, vícios sexuais, absolvendo o rapaz do epíteto de *cábula* com que frequentemente é condenado.

A revista «Medicina Contemporânea» publicou este importante trabalho, tendo sido tirada uma separata, gràficamente bem apresentada, que foi posta à venda pela módica quantia de 5$00, revertendo o produto líquido para custeio de novas publicações da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, do Porto.

Muito embora o assunto esteja orientado no sentido da educação escolar, desejamos recomendar a leitura deste trabalho a todos os dirigentes escotistas, porquanto, revela certos aspectos da vida do rapaz e, embora de uma maneira indirecta, põe em evidência os serviços que o Escotismo pode prestar e presta ao rapaz, em colaboração com a Família e a Escola.

Também os Pais encontram nesta publicação matéria para ponderar, e que pode auxiliar a uma melhor interpretação da conduta de seus filhos.

O «*Sempre Pronto*» agradece aos dignos directores da L. P. P. S. o exemplar que tiveram a amabilidade de lhe oferecer.

E. R. J.

Caro Leitor:

Interessa-te o SEMPRE PRONTO?

Propaga-o entre os teus amigos.

N.º 10 — Setembro de 1948

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» — Por R. K. E.

«Os restantes vêm comigo e trazem três espias fortes e três varas para transportar o barco. É conveniente trazer um pano de tenda cada um, para defender os ombros. E silêncio, que este é meio êxito».

Os seis rapazes dirigiram-se à praia, passaram as espias por debaixo do barco, atravessaram as varas de ombro a ombro descansadas no pano de tenda e, a um sinal do Guia, suspenderam o barco e lá foram conduzindo, penosamente, até perto do acampamento, em local onde estava sempre à vista. Terminado este exaustivo esforço o Guia chamou os dois escoteiros de serviço à cozinha, reuniu a Patrulha, e segredou:

—«O nosso Programa de Campo está prejudicado. O acampamento passa a funcionar em sistema de emergência. O Pedro e o Luís levam um par de bandeirolas, vão para o alto daquele penedo e sem serem vistos do lado da praia, observam tudo o que ali se passar. O Manuel e o Carlos dirigem-se àquela colina, ocultam-se no mato e observam o que possa suceder em volta do acampamento. É preciso ver se somos espiados,

«O comer será lá levado. Serão rendidos daqui a 3 horas. Muita atenção».

Ocioso será afirmar que durante toda a tarde nada se passou de anormal. Logo que as iscas e as túberas fritas estiveram prontas o Guia levou-as ao primeiro posto de observação e o Sub-guia ao segundo. A rapaziada gostou das túberas, mas a preocupação em que estava não lhe deu tempo a trocar impressões. Eram 7 horas da tarde quando chegou a hora de render. O Guia e o Rui seguiram para o Posto n.º 1. O Sub-guia e o Júlio para o Posto n.º 2. Ao Pedro coube agora a chefia do campo. O Manuel e o Carlos foram preparar a merenda, visto que o almoço tinha sido tão tarde que não apetecia jantar. O Luís ficou vigilante a qualquer comunicação dos postos.

A falta de novos acontecimentos não fez diminuir a excitação dos rapazes, que continuavam atentos, observando a praia e os arredores do campo. Já o Sol se escondia, parecendo afundar-se ao longe no oceano, projectando na Ilha uma luz rubra que emprestava ao cenário um ambiente de mais mistério ainda, quando o Júlio deu um safanão no braço do Sub-guia e lhe apontou um ponto, do outro lado do cabeço onde dois vultos se ocultavam no arvoredo espiando o acampamento. Eram os dois indivíduos que se tinham já tornado suspeitos e que procuravam saber o que se passava. Não havia dúvida que se os dois homens tinham assustado os escoteiros, também não estavam muito tranquilos com a vizinhança do acampamento. A prova é que ali estavam a coberto do arvoredo, demonstrando o seu interesse ou, melhor, preocupação pela presença dos oito rapazes, que eles bem sabiam ser valentes e abnegados.

O Sub-guia e o Júlio não podiam comunicar ao acampamento a descoberta feita porque podiam ser vistos. Ao fim de algum tempo os dois vultos desapareceram, escoando-se por entre o arvoredo. Era preciso ter a certeza de que se tinham, de facto, retirado, e o Júlio saltou do seu esconderijo e manteve os dois indivíduos ao alcance da vista. Quando se convenceu de que regressavam ao estranho coito, voltou ao seu posto e comunicou por semáforo a notícia para o acampamento.

No posto n.º 1, o Guia também recebeu a transmissão. Esta notícia veio aumentar a tensão nervosa, e as trevas da noite, que a pouco e pouco envolviam toda a Ilha, davam a cada tronco de árvore forma de sombras humanas. Toda a atenção se concentrava na praia, mas as horas iam passando sem que nada de anormal sucedesse.

Finalmente, do outro lado do mar, no terraço da Sede do Grupo, o Chefe com a sua potente lanterna dava o sinal de pedido de transmissão. Eram 11 horas, conforme estava combinado. O Guia, muito prático em sinalização Morse, correspondeu imediatamente com a sua lanterna não menos potente e deu o sinal indicativo. O Chefe perguntou se estavam todos bem. O Guia respondeu:—«Todos bem. Passa-se na Ilha qualquer facto misterioso e suspeito. O Chefe mantenha-se no seu Posto e aguarde novas notícias. A Patrulha está em estado de emergência».

Do outro lado veio o sinal de «entendido». O Guia deu o «terminado».

CONTINUA

SECÇÃO TÉCNICA

Insígnias de capacidade

PRÁTICO FLORESTAL

2. Ter um conhecimento geral da estrutura de uma árvore, e como se alimenta, respira e desenvolve.

Irmão-escoteiro: Como é bela a Natureza quando sabemos ler as suas páginas! Que mundo tão maravilhoso o que nos rodeia!

Repousemos um pouco junto do tronco desta vetusta azinheira, e recebamos o mais humilde dos benefícios que as árvores nos proporcionam: a sua sombra. Falemos das árvores, já que aspiras à insígnia de Prático Florestal.

A árvore é de importância primordial para a vida do homem, já que, independentemente dos múltiplos produtos que proporciona (madeira, fibras, resinas, pasta de papel, produtos medicinais, frutos, etc.), exerce uma notável influência no clima, ambiente e configuração do terreno.

As árvores absorvem o anidrido carbónico, gás atmosférico venenoso, e exalam oxigénio, contribuindo poderosamente para a salubridade do ar. Através dos folhas produz-se uma evaporação quase constante de água que satura o ambiente da humidade, e que, ao condensar-se, dá lugar à formação de nuvens, as quais se convertem em chuva suave, e fecundam as terras. Preservando o solo dos ardentes raios solares e refrigerando os ventos secos que sopram pelos bosques, mantêm a humidade na terra, contribuindo para enriquecer o caudal dos mananciais que depois irrigarão as terras mais secas. Completam a sua missão fertilizadora estendendo uma camada de folhas e ramos secos pelo solo, que ao decompor-se pela acção da humidade e de milhões de fungos microscópicos, se convertem em húmus, o adubo natural por excelência.

A camada de terra vegetal no nosso planeta é mais escassa do que à primeira vista parece; o vento e a água, sobretudo nas zonas de declive, produzem uma acção de arraste ou aluvião para os vales, rios e mar, que a diminui notàvelmente. As árvores, estendendo a rede das suas raízes pela terra, retêm a camada vegetal até nas vertentes. Conhecida esta propriedade, o homem utiliza-a plantando árvores nos taludes dos caminhos de ferro, estradas, margens dos canais, para reforçar estas obras e evitar o seu desmoronamento por erosão.

A árvore é a rainha dos vegetais que, forte e orgulhosa, eleva os os seus ramos para o céu, por cima de todas as outras plantas, e só os anos, os vendaveis mais fortes, e a machada do lenhador, logram abater o seu poder. O maior inimigo da árvore é o fogo que, em poucas horas, converte num punhado de cinzas o que levou anos a fazer-se.

A estrutura de qualquer árvore consta de três partes:

A) As raízes, parte situada debaixo da terra e que é o órgão de nutrição da árvore, por onde absorve da terra a humidade e sais minerais que necessita para a sua vida e desenvolvimento. As raízes são fortes e flexíveis, e duma tenacidade extraordinária, pois no seu crescimento abrem caminho através das gretas das rochas ou dos terrenos mais duros. A estabilidade da árvore exige uma extensão de raízes superior à da sua ramagem pelo que elas alcançam extensões muito grandes.

B) O tronco é constituído pela medula ou coração, as camadas lenhosas e a cortiça ou camada cortical. Cortemos um ramo, e poderás observar estas três partes. Ao centro, uma veia mole esponjosa e de cor clara que é a medula; a seguir uma série de camadas concêntricas, duras, que constituem a parte lenhosa ou madeira. Cada uma dessas camadas circulares formou-se num período anual, portanto, se contares os círculos que se vêem no tronco cortado, poderás saber a idade da árvore. Ainda há outra particularidade: verifica que geralmente a medula não está no centro do tronco. Isto é, que as camadas lenhosas estão muito juntas dum lado e mais afastadas do outro. Isto acontece, porque o tronco se desenvolveu mais no lado em que recebia a acção dos raios solares. Isso nos dá um excelente meio de orientação, pois se as camadas lenhosas se encontram mais afastadas na parte onde recebem o sol, indubitàvelmente essa parte é o sul, e portanto será o norte a parte onde as camadas lenhosas estão mais apertadas.

Finalmente, servindo de envólucro ao tronco, está a cortiça, lisa, rugosa ou gretada, segundo a espécie.

Ao cortar o ramo notarás que o corte fica húmido. É a seiva, sangue da árvore, que aflora à superfície do corte por múltiplos vasos capilares, que, como as veias humanas, possibilitam a circulação deste elemento vital.

C) Os ramos, é onde estão as folhas, as flores e os frutos. As folhas são, por sua vez, os pulmões da árvore e a sua epiderme. Através delas e por meio de transpiração, a árvore elimina em forma de vapor, o excesso da humidade que as raízes absorveram no seu labor de alimentar o conjunto. As folhas, da mesma forma que os pulmões humanos, são um maravilhoso laboratório químico onde a seiva — como o sangue — sofre as transformações necessárias para a vida da árvore. A água e sais minerais extraídos da terra, são transformados em glucose (açúcar) e depois em amido, principal alimento da planta. De tal função estão encarregadas umas cèlulazinhas que existem nas folhas, cheias duma substância chamada clorofila (que é o que lhes dá a cor verde) que, em presença da luz, fixa o gás carbónico e liberta o oxigénio, com o que adquirem os alimentos necessários para o seu trabalho de transformação da água e sais minerais transportados pela seiva ascendente (1) em matérias orgânicas.

Não obstante, na obscuridade as plantas realizam uma função inversa, pois absorvem o oxigénio de que necessitam e devolvem o gás carbónico formado em excesso na sua combustão interna. Daqui se conclui que uma habitação fechada e escura seja muito perigoso para o homem ter flores ou plantas, pois estas consomem ràpidamente o oxigénio, produzindo uma notável elevação da densidade do gás carbónico, capaz de asfixiar o ser humano.

Já sabes, sumàriamente, o que precisas para a prova de Florestal. Prossigamos no nosso caminho e não esqueças nunca que a árvore é uma grande benfeitora da humanidade. Noutro dia, com mais tempo, falaremos das flores, dos frutos e doutras coisas que o homem obtém da rainha dos vegetais.

RAFAEL PALACIAL
PICO DE AGUILA

Trad. do Espanhol por Lídia de Medeiros.

(1) N. da T.—Está hoje verificado que tanto a seiva bruta (a que transporta água e sais minerais) como a seiva elaborada (a que transporta matérias orgânicas) podem circular nos dois sentidos: ascendente e descendente.

À venda na Redacção do «Sempre Pronto»

AJURI: n.os 13, 14, 15 e 16

— Antiga revista escotista brasileira —

Cada exemplar Esc. 1$00

Pelo correio acresce o porte

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

UM PROBLEMA SEMPRE OPORTUNO

O Enquadramento dos Escoteiros

O enquadramento dos escoteiros — seja-nos permitido o uso de um termo já por alguém sugerido — segundo as suas idades e nas respectivas Divisões, parece ser assunto a que se não atribui, entre nós, a devida e indispensável atenção. Não é ignorado que o Escotismo exerce a sua acção através de três grandes Divisões — Lobito, Júnior e Sénior —, mas talvez se imagine que se trate de uma simples questão de estética, de apresentação em formaturas, e não um princípio básico do Movimento, fundamentado nos mais seguros conhecimentos da psicologia da criança e do adolescente.

Mas, mesmo que não seja esta a razão que justifique a amálgama de Lobitos, Juniores e Seniores nas actividades escotistas e a ausência completa de quadros directivos das respectivas divisões, não será ocioso vir, mais uma vez, pôr em merecida evidência um princípio de organização de tal magnitude, que não será errado afirmar que tem sido a sua ignorância, ou, pelo menos, o seu abandono, que tem inutilizado uma boa parte do esforço feito em prol do Escotismo em Portugal.

Como Baden-Powell aconselha, o Dirigente *deve compreender a psicologia das diferentes idades da vida de um rapaz*, e este «*deve compreender*» será tomado como significando que deve ter uma noção geral das características principais das diferentes idades, visto que o assunto é demasiado profundo para que todos os Dirigentes possam ter dele um bom conhecimento, de que nós também carecemos, e só o estudo, a experiência e uma observação cuidadosa podem proporcionar.

Se quisermos delinear um leve esboço dessas características, poderemos estabelecer:

Os traços mais salientes na criança, na idade Lobito, são a docilidade, afabilidade, inocência, entusiasmo, prazer por histórias, jogos e por viver em colectividade. Afeiçoa-se com facilidade aos professores, mestres ou dirigentes, tem necessidade de carinho. Por isso os Lobitos devem ser dirigidos por uma Senhora, cujo carácter afectivo melhor corresponde aos sentimentos da criança.

Entre nós, os Lobitos têm sido dirigidos quase pelos mesmos métodos que se aplicam aos juniores e, como resultado, a Divisão extinguiu-se. Se quisermos que esta Divisão volte a funcionar, deveremos primeiro cuidar da preparação técnica dos seus Dirigentes. Sem que isto se faça, parece-nos inútil tentar.

A Divisão Júnior é constituída pelos rapazes na fase da pré-adolescência, englobando aquele período da transição, ou, dizendo melhor, evolução para a adolescência. As características mais salientes do rapaz desta idade, diferem, em absoluto, das do Lobito. Já não é dócil, torna-se rebelde, detesta carícias, gosta de ser tratado como homem, tem o culto do heroísmo,—qualidade que pode ser utilíssima na formação do seu carácter—, e, à medida que entra no período da adolescência, vinculam-se novas características, como o desejo de originalidade, o culto da sua própria personalidade. É reconhecendo esta evolução que algumas associações criaram um escalão para os rapazes de mais de 15 anos, a que mais adiante nos referiremos.

A Divisão Sénior é constituída por rapazes que atingiram já a idade adolescente, jovens na força da vida; idade do idealismo, da heroicidade. O rapaz nesta fase da vida julga-se *senhor do mundo*, tudo sabe, tudo vê, sente prazer na acção, mas gosta de trabalhar por sua iniciativa, sem tutela. É rebelde, detesta a disciplina. Carece muito de experiência, pois tem todos os atributos do adulto, mas falta-lhe o saber e a prudência. A actividade escotista destina-se exactamente a proporcionar-lhe a experiência de que ele carece, aproveitando as suas qualidades.

Claro que as crianças e os adolescentes são indivíduos, cada um com a sua feição pessoal, as suas próprias faculdades, capacidades psíquicas e físicas diferentes e, portanto, não se podem estabelecer padrões, tipos com fronteiras determinadas correspondentes a cada Escalão, mas sòmente definir as características comuns mais salientes de cada fase da existência. O Fundador recomenda que o Dirigente se *deve ocupar de cada um dos seus rapazes individualmente* e, por isso mesmo, é também sua recomendação que o Grupo não tenha mais do que 32 membros, número já considerado excessivo para que o Chefe conheça devidamente cada um dos seus escoteiros.

Outro princípio preconizado pelo Fundador é que o Chefe *deve saber colocar-se ràpidamente no mesmo plano daqueles de que se ocupa*, e este princípio é importante e merece ser considerado, porque um dos

(Conclui na 11.ª página)

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

BRASIL

O Sr. Major Hugo M. Bethlem, Presidente da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra, foi nomeado adido militar do Brasil na Bolívia, tendo partido no dia 5 de Julho p. p. a ocupar o seu honroso cargo.

Antes da sua partida transmitiu os seus poderes ao vice-presidente daquela Confederação, Sr. Dr. Arnóbio Tenório Vanderlei, e publicou uma mensagem de despedida de todos os escoteiros brasileiros, afirmando:

«O Movimento Escoteiro é acção, é dinamismo, é actividade e quando um dos seus componentes se afasta da estacada em prol da elevada causa que todos defendemos, uma maior aproximação deve estreitar aqueles que continuam e novos esforços devem ser empregados para atrair novos combatentes. Eu não me afastarei da Causa Escoteira pois onde estiver sempre pugnarei por esta organização que sei de valor inestimável para a grandeza de qualquer nação, para a aproximação dos povos, para a realização da Paz de boa vontade na terra que todos ansiamos. Com esta minha Mensagem vai a palavra de Fé, dessa Fé que remove montanhas, que deve ser incentivada desde o mais pequenino lobinho até ao mais destacado dirigente escoteiro, a fim de que encha seus corações, que oriente sua vida, que trace seus actos para maior engrandecimento do Escotismo e do Brasil, essa grande Pátria que Deus nos confiou e que devemos defender e elevar para correspondermos a tão generosa dádiva».

COLÔMBIA

Em virtude dos acontecimentos revolucionários que recentemente ocorreram em Bogotá, ficou completamente destruída a Sede Central dos *Exploradores Colombianos*, que perderam todos os seus haveres e Biblioteca.

A Secretaria Internacional de Escotismo solicitou a todas as associações que dispusessem de publicações, que remetessem novos exemplares aos *Exploradores Colombianos*. O «*Sempre Pronto*», correspondendo a este apelo, fez seguir para Bogotá uma colecção dos seus números publicados.

O Escotismo na Capital

GRUPO N.º 79

Em 29 de Julho p. p., na sede deste Grupo, efectuou-se uma sessão, durante a qual prestaram promessa 10 novos escoteiros e foi colocada a 20.ª estrela de antiguidade na sua bandeira.

Assistiram à festa as famílias dos escoteiros, o Sr. António de Mira Calhau, Chefe Regional, que representava o Sr. Presidente da A. E. P.; o Sr. Joaquim Santana de Carvalho, Presidente do 79; e escoteiros dos Grupos 2, 85, 94 e 99.

O Sr. António Lobo de Carvalho, Chefe administrativo do Grupo em festa, leu a respectiva Ordem de Serviço e o Chefe Regional, em breves palavras, manifestou a sua satisfação por ver o 79 entrar numa fase de reorganização. O Chefe do Grupo, o nosso camarada Ferreira da Silva, agradeceu a presença de todos e as palavras de estímulo e amizade dirigidas ao seu Grupo. E a sessão terminou depois dos escoteiros presentes animarem a festa com os seus *gritos* e canções.

O «*Sempre Pronto*», que esteve representado pelo seu Administrador Capitolino Ferreira Macedo, felicita o 79 pelo seu ressurgimento e deseja-lhe *boa caça*.

O Enquadramento dos Escoteiros

(Conclusão da 10.ª página)

erros mais comuns àqueles que pretendem educar é querer que o rapaz perca as suas características próprias e se identifique com a personalidade do adulto. A tais devemos afirmar que educar não é deformar, mas deixar desenvolver harmónica e naturalmente a criança e o adolescente.

Para que a acção educativa tenha sucesso, é necessário que seja o Chefe a colocar-se no plano do rapaz, procurando pensar ao seu modo, agir à sua maneira, sentir as mesmas aspirações, os mesmos entusiasmos. A adaptação do Chefe exige, portanto, conhecimento da natureza do rapaz, e só poderá ser alcançada através de um esforço intenso. Se o Chefe de um Grupo de Escoteiros quiser ocupar-se simultâneamente de Lobitos, Juniores e Seniores, terá de se desdobrar, de se adaptar às características de cada Divisão, organizar programas e actividades separadas, o que é tão difícil, que o poderemos considerar impossível. Se teimar em dirigir os três escalões, sem fazer este desdobramento, acabará por prejudicar todo o serviço.

Não estamos fazendo revelações ou estabelecendo doutrina nova. As associações escotistas que têm uma organização eficiente, baseada na experiência, praticam estes princípios.

A Divisão Lobito é constituída por Alcateias, subdivididas em Bandos de 6 Lobitos, de idade correspondente ao desenvolvimento normal de 6 a 11 anos. A Alcateia é dirigida por uma ou um Chefe, Aquelá, e os quadros da Divisão prolongam-se, em linha recta, tanto no plano regional, como no nacional.

A Divisão Júnior é constituída por Grupos, subdivididos em Patrulhas de 8 escoteiros, de idade correspondente ao desenvolvimento normal de 12 a 16 anos. O Grupo é dirigido por um Chefe. Os seus quadros prolongam-se, igualmente no plano regional e nacional,

A Divisão Sénior é constituída por Clãs, subdivididos em Patrulhas de 6 ou 7 escoteiros, de idade superior à correspondente ao desenvolvimento normal de 17 anos. O Clã é dirigido por um Chefe, cuja idade não deve ser inferior a 25 anos, e os seus quadros prolongam-se igualmente no plano regional e nacional.

Algumas associações, em particular a britânica, organizaram um Escalão preparatório da Divisão Sénior destinado aos rapazes de 15 a 17 anos de idade. Os ingleses classificam estes de Seniores e os outros de «Rovers».

Podem coexistir num Grupo as três Divisões. O Chefe ocupar-se-á de uma, entregando as restantes a ajudantes habilitados.

Estão a ser estudadas as questões inerentes à organização e reorganização do nosso Movimento. É muito possível que este problema já tenha sido tratado, até com mais eficiência do que nós o podemos fazer, e que, brevemente, tenha a sua aplicação. Todavia, nunca é inútil a difusão destes princípios orientadores que, terão, pelo menos, o mérito de preparar o ambiente para as disposições que possam vir a entrar em vigor e que tão necessárias se tornam.

EDUARDO RIBEIRO

"Cousas que já passaram„

(Conclusão da 4.ª página)

pazes de hoje, homens de amanhã, não sejam uns Cândidos à maneira de Voltaire e que, lançados na Sociedade, sejam vencidos em vez de serem vencedores.

Glória a Baden-Powell que conseguiu criar um método que após tantos e tantos anos de experiências e de terem passado pelas suas fileiras milhões de rapazes, de todos os continentes, de todas as raças, de todas as cores, de todas as crenças, ainda apaixona todos que o experimentam e todos que o sentem.

«Once Scout, always scout».

TOVAR DE LEMOS, E. C.

ÁGUIA BRANCA DE PORTUGAL

Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo que é de boa fama... nisso pensai.

S. Paulo (Filipenses 4:8)

COISAS DO NORTE

(Conclusão da 4.ª página)

tismo, e que fica com os olhos postos no nome e na pessoa do Sr. Amadeu Cândido Braga.

□ □

VISITAS AO NORTE

De passagem para Braga, onde foi representar a A. E. P. no VIII Acampamento Nacional do C. N. E., esteve entre nós no passado dia 21, o Chefe Geral Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, que se fazia acompanhar do Tesoureiro da A. E. P. Sr. Ascenção Cardoso. Sabemos que com ele conferenciou o Chefe Regional do Norte, Sr. Amadeu Cândido Braga. Fazemos votos para que desta reunião resultem benefícios para o Movimento. No regresso, a caminho do Sul, tiveram estes ilustres visitantes a gentileza de nos apresentar cumprimentos de despedida, gesto esse que muito agradecemos com os desejos de boa viagem e... boa caça.

GRUPO N.º 15

O Grupo n.º 15, anexo à Associação Cristã da Mocidade, está em franca actividade. A boa orientação do seu Chefe, com a colaboração dos seus guias e boa vontade dos seus escoteiros, fazem deste grupo uma boa parcela da Região Norte.

Àparte das suas actividades na sede, tem este grupo realizado vários acampamentos, que a todos têm deixado as melhores impressões, não só pelos trabalhos realizados como pela escolha dos locais.

Em Junho, fez este grupo um acampamento em S. Pedro da Cova, lugar de Boloe, de que todos guardam boas recordações. Colaborou também nas festas da Cidade do Porto, juntamente com os Grupos 4, 44 e 91.

Em Julho, esteve no Acampamento Regional em Milheirós da Maia e prepara-se agora para novo acampamento regional que promete ser admirável. Além dos trabalhos em conjunto, têm as suas patrulhas trabalhado isoladamente em acampamentos e bivaques e trabalhos na sede que são de bons resultados. Agora estão as patrulhas juniores em preparação para o Concurso Interpatrulhas. Desta vez a luta será renhida. Quem será o vencedor da Taça Baden-Powell?

ÁGUIA BRANCA

ESCOTISMO E RELIGIÃO

(Conclusão da 12.ª página)

doutrina de Baden-Powell que tornariam irreconhecível o nosso Movimento.

Por isso se insiste em que, dentro das fileiras dos Escoteiros de Portugal, os rapazes só são livres de afirmar qual a sua Religião, porque depois há de exigir-se-lhes que vivam dentro do inteiro cumprimento das normas impostas pela mesma Religião que livremente escolheram segundo os imperativos da própria consciência.

Fica assim bem clara a nossa posição, dentro do espírito da doutrina de Baden-Powell.

A todos se quis recordá-la porque a ninguém será consentido qualquer desvio ou negligência em tão importante campo da formação educativa da gente nova.

Lisboa, 15 de Agosto de 1948.

Ano XXXV dos Escoteiros de Portugal.

JORGE PEREIRA JARDIM

Norma n.º 2 publicada no Boletim Oficial n.º 2.

ESCOTISMO E RELIGIÃO

Na tendência geral de cada um pretender fazer «obra sua» surgem por vezes alterações da doutrina educativa de Baden-Powell que chegam a traduzir afastamentos imperdoáveis das directrizes que o Fundador do Escotismo soube definir em palavras de clareza extraordinàriamente simples.

É uma realidade que o Movimento Escotista não pretende subordinar as Associações Nacionais a um «comando» internacional, de rígidas normas de acção, e que, dentro dos princípios já recordados neste Boletim, favorece a exaltação das características nacionais de cada País em cujo respeito deve ser orientada a formação dos escoteiros.

Assim o Escotismo reveste em cada Nação aspectos próprios, não admitindo qualquer autoridade humana acima da soberania da Pátria, e enquadra-se na vida de cada País como elemento de útil e construtiva actividade ao serviço dos mais altos objectivos nacionais.

É compreensível, portanto, até louvável, que dentro deste critério se registem cuidadas «nacionalizações» da doutrina do Movimento por forma a melhor adaptar a sua função educativa às condições do ambiente em que se desenvolve e orientar a sua acção para o tornar mais útil e eficaz.

Tais adaptações afirmam o cunho universal do Movimento Escotista, a sua capacidade de extensão a todas as raças, e realçam o vigor dos princípios enunciados por Baden-Powell.

Mas adaptar os métodos educativos do Escotismo às características de cada País, dentro dos próprios rumos da doutrina, é coisa diferente de alterar os princípios ao sabor dos desejos e preferências de cada qual.

Temos portanto de ser compreensivos e tolerantes para todas as «adaptações» que se situem dentro do espírito informador do Movimento, ao passo que devemos usar uma vigilante intransigência contra as «alterações» que possam surgir ao abrigo da nossa própria bandeira.

Doutra forma correríamos o risco sério de tornar o Escotismo irreconhecível perante nós próprios e caminharíamos para afirmar, perante os outros, a incapacidade da doutrina educativa que afirmamos defender.

Se havemos de buscar a extensão do Movimento a todos os sectores da juventude importa que o façamos sem sacrifício de qualquer parcela dos seus fundamentos, ainda que isso nos acarrete a incompreensão de alguns ou a má vontade de quantos pretenderiam acorrentar-nos ao serviço das suas paixões e interesses.

Importa, por isso, ir recordando a nossa posição para que não possam nascer tendências condenáveis e encarar de frente os problemas para não sermos forçados a buscar remédios sempre mais custosos do que a simples e fácil prevenção.

Dentro deste critério importa lembrar quanto Baden-Powell afirmou sobre a indispensabilidade da presença da Religião na tarefa da formação educativa das novas gerações.

Sem impor, por si, a observância dum determinado credo religioso, o Escotismo a todos deixa a mais completa liberdade para proceder de acordo com os imperativos da sua própria consciência, e exige dos escoteiros um escrupuloso respeito pelas convicções religiosas alheias.

Baden-Powell acentuou, porém, bem claramente que esta cuidada atitude de independência no campo religioso está infinitamente afastada duma «indiferença» que não se encontra dentro do espírito do Movimento.

Aberto a todos os credos que afirmem o Amor de Deus sobre todas as coisas terrenas e que no Amor de Deus filiem a obra que à pessoa humana incumbe realizar para satisfação da sua origem e destino sobrenaturais, o Escotismo não admite o esquecimento da primordial posição que pertence à formação religiosa dos rapazes.

Pode, por isso, afirmar-se que educação da juventude sem a presença de Deus e sem caminhar para Deus, é negação da doutrina do Escotismo.

A existência de Associações de Escoteiros de características bem vincadas dentro dos quadros duma Religião é, portanto, não só inteiramente compreensível como até aconselhável sempre que existam, em qualquer País, elementos suficientes para o conseguir sem que isso venha a significar pulverização de esforços e desperdícios de energias.

Mas nada impede, igualmente, que numa mesma Associação se reúnam rapazes com credos religiosos diferentes desde que a cada qual se exija, e se garanta, o exacto cumprimento dos seus deveres para com Deus, segundo as suas convicções próprias.

Num e noutro caso não se busca agrupar os escoteiros num espírito de sectarismo que divida, mas visa-se o único propósito de assegurar a satisfação dos seus deveres religiosos e de garantir que a Religião não seja afastada da alta missão que lhe pertence.

Na Associação dos Escoteiros de Portugal não se exige a obrigatória observância dum determinado credo religioso e cada escoteiro é livre de afirmar as suas convicções e de proceder dentro das normas que a sua Religião lhe imponha.

É da mais alta importância, que os Dirigentes ponham escrupuloso cuidado na vigilância atenta da forma como estes princípios são respeitados e que não deixem de intervir para assegurar que nada impeça ou dificulte o cumprimento dos deveres religiosos dos seus escoteiros.

Nenhuma actividade, nenhum interesse da vida escotista pode ser posto acima das necessidades espirituais dos rapazes. Em todos os programas, em todos os planos de acção é da mais alta importância atender a que não resulte prejuízo para a vida religiosa dos escoteiros.

Neste sentido importa caminhar e neste rumo compete aos Dirigentes tomar as necessárias disposições para que o Escotismo não viva numa posição de indiferença ou esquecimento.

A existência de escoteiros que não afirmem uma atitude religiosa definida e que não cumpram fielmente os deveres que dessa atitute lhe advenham, não pode ser consentida nem tolerada.

Escotismo sem Deus, seria uma das alterações da

(Continua na 11.ª página)

Nenhum homem é suficientemente bom se não crer em Deus e obedecer às Suas leis. Portanto, cada escoteiro terá uma religião.

A religião é uma coisa muito simples. Primeiro: amar e servir a Deus. Segundo: amar e servir o próximo.

Fazei o vosso culto a Deus e sede reconhecidos para com Ele.

A maneira de exprimir a piedade para com Deus, é diferente em cada Igreja. O facto de um rapaz pertencer a tal seita, a tal igreja, depende, regra geral, da vontade de seus pais. São eles que decidem. Devemos respeitar a sua vontade e secundar o seu esforço, para inculcar a piedade, qualquer que seja a forma da religião que o rapaz professe.

BADEN-POWELL